



A UNIÃO EUROPEIA ALARGADA EM TEMPOS DE NOVOS DESAFIOS



Konrad
Adenauer
Stiftung

Editor responsável
Felix Dane

Organização
Elena Lazarou
Bruno Theodoro Luciano

Coordenação Editorial
Reinaldo J. Themoteo

Revisão
Aline Bruno Soares
Bruno Theodoro Luciano
Reinaldo J. Themoteo

Tradução
Mônica Baña (páginas 45-59; 69-81; 83-96; 109-118)
Pedro Maia Soares (páginas 23-43; 83-96; 121-142; 163-174)

Design gráfico e diagramação
Cacau Mendes

Impressão
Oficina de Livros

Dados Internacionais para Catalogação na Publicação (CIP)

T278 A União Europeia alargada em tempos de novos desafios. –
Rio de Janeiro : Konrad Adenauer Stiftung, 2014.
176 p. ; 24 cm. – (Série relações Brasil-Europa)

ISBN 978-85-7504-189-5

1. Brasil – Relações exteriores – Europa. 2. Europa –
Relações exteriores – Brasil. I. Konrad-Adenauer Stiftung
II. Série.

CDD 327.8104

Todos os direitos desta edição reservados à
FUNDAÇÃO KONRAD ADENAUER
Rua Guilhermina Guinle, nº 163 · Botafogo · Rio de Janeiro, RJ · 22270-060
Tel: 0055 21 2220-5441 · Fax: 0055 21 2220-5448
adenauer-brasil@kas.de — www.kas.de/brasil
Impresso no Brasil

7 INTRODUÇÃO

10 ANOS DE RELAÇÕES DO BRASIL COM UMA EUROPA ALARGADA

Elena Lazarou · Bruno Theodoro Luciano · Felix Dane

PARTE 1

23 UE 2008-2014: UMA BOA CRISE? SAÍDA DA CRISE E DEMOCRATIZAÇÃO

Mario Telò

31 OS “FATOS” CONTRA O “CORAÇÃO”:

CRISE, EUROCETICISMO E A DIFICULDADE DE MUDAR PADRÕES

Kai Lehman

45 O ESTADO DO EURO: O PIOR PODE TER PASSADO,

MAS NÃO É POSSÍVEL ENXERGAR O FIM DA CRISE EM DECORRÊNCIA

DAS POLÍTICAS, DA POLÍTICA E DOS PROCESSOS

Vivien A. Schmidt

PARTE 2

63 O ALARGAMENTO DA UNIÃO EUROPEIA EM TEMPOS DE NOVOS DESAFIOS

Ana Paula Zacarias

69 A CORAGEM DO ALARGAMENTO DE 2004: UM DESAFIO RECOMPENSADOR

DEZ ANOS REINVENTANDO UMA AVENTURA EUROPEIA

Estevão C. de Rezende Martins

- 83 A UE, A OTAN E A PARCERIA ORIENTAL:
O INSOLÚVEL DILEMA SOBRE SEGURANÇA
Jolyon Howorth
- 97 TURQUIA E UNIÃO EUROPEIA: EXPLICANDO UMA RELAÇÃO RESILIENTE
Paula Sandrin
- 109 DESEJANDO A EUROPA, COM SAUDADES DA RÚSSIA:
A POLÍTICA EXTERNA DA UCRÂNIA
Taras Kuzio

PARTE 3

- 121 RELAÇÕES UE-BRASIL: UMA PARCERIA ESTRATÉGICA?
Richard Whitman · Annemarie Penn Rodt
- 143 BRASIL-UNIÃO EUROPEIA: UM PASSO PARA A FRENTE, DOIS PARA TRÁS?
Rui Faria da Cunha
- 153 BRASIL, AMÉRICA LATINA E A UNIÃO EUROPEIA
DIANTE DE NOVAS AGENDAS GLOBAIS
Miriam Gomes Saraiva
- 163 VISÃO GERAL DAS RELAÇÕES POLÔNIA-BRASIL
Kinga Brudzińska

INTRODUÇÃO

10 ANOS DE RELAÇÕES DO BRASIL COM UMA EUROPA ALARGADA

Elena Lazarou
Bruno Theodoro Luciano
Felix Dane

O ano de 2014 marca o aniversário de uma década do maior alargamento da história da União Europeia. Simultaneamente, dez países da Europa Central, Oriental e Mediterrânea, nomeadamente três antigas repúblicas soviéticas (Estônia, Letônia e Lituânia), quatro antigos países-satélites da União Soviética (Polônia, República Tcheca, Eslováquia e Hungria), um país da antiga Iugoslávia (Eslovênia) e duas ilhas mediterrâneas (Chipre e Malta), cumpriram os critérios de admissão à integração e se tornaram formalmente Estados-membros de uma União Europeia (UE) cada vez mais profunda e empoderada.

A Europa alargada necessitou adequar os novos interesses e preferências dos países do leste tanto no jogo de forças interno da UE quanto no relacionamento com países terceiros. Ao mesmo tempo, esses novos membros tiveram de lidar com o desafio de se integrar em uma união política e econômica com um papel global. A inevitável Europeização da política externa desses países levou a dramática expansão da agenda de relações exteriores dos países recém-ingressos à UE. Ademais, as instituições e relações exteriores europeias existentes criam oportunidades para os novos membros provenientes da Europa Central e Oriental construírem ligações com parceiros potenciais em regiões anteriormente não exploradas, como a América Latina.

Aproveitando o lapso temporal de uma década, em 2014 a Fundação Getúlio Vargas (FGV) e a Fundação Konrad Adenauer (KAS) dedicaram a 3ª Semana da Europa ao alargamento europeu. Nessa ocasião, entre outros aspectos, surge um momento para se refletir se o alargamento europeu modificou em alguma medida o relacionamento Brasil-União Europeia. Com isso em mente,

esse capítulo inicia apresentando um histórico das relações do Brasil com os países do leste europeu antes de 2004. Posteriormente, discute as opiniões e reações brasileiras acerca do alargamento europeu para o leste e seus efeitos em aspectos centrais das relações Brasil-Europa, como a Parceira Estratégica Brasil-União Europeia, instituída em 2007, e o relançamento das negociações Mercosul-UE em 2010.

1. RELAÇÕES BRASIL-EUROPA ORIENTAL ANTES DO ALARGAMENTO EUROPEU

O relacionamento do Brasil com os países da Europa do Leste começa a ser gestado antes mesmo da dissolução da União Soviética. Em meados dos anos 1960, a política externa brasileira buscou a abertura de diálogo com a Europa Centro-Oriental, bem como com os países africanos, seguindo os enunciados da *Política Externa Independente*, a qual propunha a universalização das relações internacionais do Brasil e o não-alinhamento automático com o bloco capitalista (Lessa, 1998). O Grupo de Coordenação de Comércio com os países Socialistas da Europa Oriental (COLESTE), criado em 1962 (desestruturado em 1992), é relevante exemplo da criação de instrumentos para desenvolvimento de diálogo comercial entre o Brasil e essa região¹.

O próprio conceito de “Parceria Estratégica”, segundo Lessa (2010), surge nesse período dentro do espectro universalista da política externa brasileira das décadas de 1970 e 1980. *“At that time, the idea became operational owing to the decision to speedily valorize relations with Eastern European countries, so as to mitigate the effects of the deterioration of the political and economic relationship with Washington”* (Lessa, 2010, p. 118).

O estreitamento dos laços com o leste europeu ocorre no mesmo período em que se inauguram as relações entre o Brasil e a então Comunidade Econômica Europeia, a partir de acordo comercial que entra em vigor em 1974². O relacionamento do Brasil com a Europa Comunitária dos nove, Ocidental,

1 Decreto n.1880, de 1962. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/Historicos/DCM/dcm1880.htm. Acesso: 23/09/2014.

2 Decreto legislativo n.46, de 1974, disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decleg/1970-1979/decretolegislativo-46-19-junho-1974-346442-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso: 23/09/2014.

desenvolve-se, portanto, simultaneamente ao diálogo comercial com a Europa Oriental durante as décadas de 1970 e 1980.

Enquanto nos anos 1990 houve um progressivo avanço na relação da UE com o Brasil e o Mercosul, representado pela assinatura do Acordo-Quadro de Cooperação Comunidade Europeia-Brasil (1992), pelo Acordo-Quadro de Cooperação UE-Mercosul (1995) e pelo lançamento das negociações do Acordo de Associação Mercosul-UE (1999), os primeiros anos do século XXI conviveram com uma mudança de prioridades da UE, face aos novos desafios de seu processo de integração. Além do avanço do alargamento oriental, podem ser mencionadas a consolidação da união econômica e monetária e as mudanças institucionais necessárias para o funcionamento de uma Europa alargada (Freres, 2000).

O final da Guerra Fria e a adesão dos antigos países soviéticos ao modelo capitalista influenciaram nas relações da Europa com atores extrarregionais mais distantes, como é o caso da América Latina. O aprofundamento da integração, a partir da criação da União Europeia, e a aproximação com o leste europeu tornaram-se prioridades para a Europa Comunitária (Saraiva, 2004). O relacionamento com a Europa Oriental, em direção a sua futura entrada na UE, desviou atenção e recursos europeus antes voltados para a América Latina em direção ao leste, especialmente a partir do final da década de 1990.

O alargamento europeu para o leste, que somente se concluiu em 2004, difere-se fundamentalmente dos anteriores. O intervalo de dez anos para sua conclusão, a primeira expansão para antigos países do bloco soviético e a adesão simultânea de 10 países produziram desafios relevantes para as políticas tanto de alargamento, como de aprofundamento da UE. Os custos dessa operação inevitavelmente dificultariam o relacionamento da UE com outros atores globais, tendo em vista que *“os engajamentos orçamentários da União condicionam obviamente suas prioridades em outras regiões do mundo”* (Martins, 2004, p. 11).

Nesse sentido, a expansão das fronteiras da UE para o leste foi vista como elemento que modificou alguns dos objetivos do projeto europeu, retirando valor estratégico de iniciativas extraterritoriais, dentre essas a aproximação com a América Latina e com os países do Mercosul (Flores, 2003). *“The Commission, busy reorienting itself toward Eastern and Central Europe and, to a lesser extent, the Mediterranean countries, cut its cooperation with Latin America for the first time, after many years of steady increases”* (Freres, 2000, p. 79).

Tanto a nova fase do alargamento europeu quanto a crise econômica que os países do Mercosul vivenciaram a partir do final dos anos 1990 desmobilizaram a agenda de cooperação interregional, na medida em que as duas regiões voltaram sua atenção para questões e problemas internos (Lessa, 2009; Doctor, 2007). Essa conjuntura auxiliou na paralisação das negociações comerciais Mercosul-União Europeia em 2004, após profunda dificuldade dos negociadores alcançarem um acordo e avançarem nos temas de desgravação tarifária.

O alargamento para o leste adicionou novos complicadores à agenda de negociação comercial birregional, especialmente dentro do grande nó nas negociações, a liberalização de produtos agrícolas, na medida em que os países da Europa Central e Oriental competiriam com os países do Mercosul no comércio de produtos primários (Savini, 2001; Castilho, 2003). Entre os produtos que poderiam ser afetados, destacam-se as exportações brasileiras de oleaginosas e de carnes bovinas, ovinas e caprinas (Oliveira, 2005). Enquanto alguns ressaltam as oportunidades que os mercados do Leste Europeu poderiam oferecer ao incremento do comércio Mercosul-UE (Boniolo, 2004), outros enfatizam o potencial de competitividade da Europa Oriental com os produtos de exportação dos países do Mercosul (Nogués, 2003; FloresS, 2003).

2. MUDANÇAS E CONTINUIDADES NO RELACIONAMENTO BRASIL-EUROPA APÓS O ALARGAMENTO PARA O LESTE (2004)

As perspectivas majoritariamente negativas em relação ao impacto do alargamento europeu na aproximação com o Brasil e a América Latina foram se relativizando após a conclusão da expansão de membros da UE. Logo em 2005, a Comissão Europeia lançou o documento “*A Stronger Partnership between the European Union and Latin America*”, no qual ressalta o objetivo europeu de estreitar relações com a região, retirando a impressão de que a UE estaria tão voltada para seu processo de alargamento que marginalizaria o diálogo extrarregional e sua presença no mundo. Importante destacar que nesse momento os europeus começam não somente a enfatizar a parceria com toda a região, como também ressaltam a necessidade de estabelecimento de um tratamento especial para alguns países chave, como Brasil e México (Van Loon, 2010).

As prospectivas acerca das possibilidades de desvio de comércio dos países latino-americanos em direção à Europa Oriental também foram postas em cheque. Estudo encomendado pelo Parlamento Europeu, ainda em 1999, já

havia indicado que o baixo desempenho do comércio de produtos da América Latina na UE não poderia plenamente ser atribuído à aproximação da União com os países do leste (Parlamento Europeu, 1999). Enquanto no campo comercial restavam dúvidas em relação aos efeitos do alargamento europeu, “*é certo que o terreno valorativo comum entre os países da região e da União Europeia contribui para uma aproximação*” (Martins, 2004, p. 22). Nesse âmbito, merecem destaque o Acordo de Cooperação Científica e Tecnológica em 2004, assinado pelo Brasil e pela UE, bem como o Programa de Assistência Regional, adotado em 2007 pela Comissão Europeia, este último enquadrado no marco da assistência ao fortalecimento institucional do Mercosul. Embora os temas econômicos não tenham avançado na agenda UE-Brasil no pós-alargamento, assuntos não-comerciais e assistência ao processo de integração do Mercosul estiveram na pauta do relacionamento bilateral.

Nesse momento, algumas transformações importantes modificam a estrutura do diálogo entre Europa e Brasil, para além do contexto de alargamento europeu, o qual prosseguiu dinâmico, com a adesão de Romênia e Bulgária em 2007 e finalmente com a entrada da Croácia no bloco em 2013. O forte crescimento econômico da América Latina e o aumento da presença internacional do Brasil, bem como a eclosão da crise na Europa ao final da primeira década do século XXI alteram o nível de assimetria do relacionamento entre as duas regiões.

A integração europeia inspirou e apoiou, normativamente e financeiramente, o desenvolvimento de processos de integração regional na América Latina. A experiência europeia também servira ao propósito de facilitação do diálogo inter-regional Europa-América Latina. A crise do euro relativiza a ideia de que o projeto europeu deve ser perseguido pelas lideranças políticas da América Latina e do Brasil. “*(...) the outbreak of the Euro-crisis in 2008 has severely challenged the appeal of this model in terms of its sustainability and utility as an instrument of regional cooperation*” (Lazaroua, 2013, p. 9). Por outro lado, os países do leste europeu, de modo geral, tiveram uma recuperação econômica mais rápida do que os países da Europa Ocidental e Mediterrânea. Em 2013, países como Polônia, Romênia e Letônia cresceram 1,6%, 3,5% e 4,1%, respectivamente, em contraste aos índices de 0,4%, 0,2% e -1,9% de Alemanha, França e Itália (EUROSTAT, 2014).

No campo econômico, a Europa em crise deixa de ser uma prioridade comercial para a região, a qual passa cada vez mais a se voltar ao relacionamento

com os países da Ásia-pacífico, destacando-se o crescimento da presença chinesa na região. Embora a UE, agora dos 28, permaneça como maior parceiro comercial do Brasil, a China, desde 2009, ultrapassou os Estados Unidos como maior parceiro individual do Brasil. A China também passa a manter esse status com Chile e Peru, enquanto é segundo parceiro de México e Argentina (Sallas, 2014). Revertendo-se um quadro histórico no relacionamento birregional, o Brasil e os países latino-americanos têm participado do debate sobre como resolver a crise de endividamento na Europa, criticando as políticas macroeconômicas adotadas no velho continente (Gratius, 2013).

Durante os anos 2000, o Brasil passou a ser reconhecido como uma potência regional e emergente, sendo posto ao lado de países como Rússia, China, Índia e África do Sul a partir do acrônimo BRICS. É nessa conjuntura de aumento da relevância internacional do Brasil que a União Europeia convida o Brasil a se tornar um Parceiro Estratégico, estabelecendo a Parceria Estratégica Brasil-União Europeia em 2007 e elevando esse diálogo político bilateral para o mais alto nível (Lazarou; Edler, 2012). Importante ressaltar que embora a UE tenha começado a desenvolver o conceito de Parceria Estratégica na Estratégia de Segurança Europeia de 2003, o Brasil não foi incluído na lista original de parceiros propostos, somente sendo adicionado posteriormente devido à sua crescente influência política e econômica.

Ainda que o diálogo inter-regional UE-América Latina seja cultivado e as negociações econômico-comerciais se mantenham centradas entre Mercosul-UE (retomadas formalmente a partir de 2010), a construção da Parceria Estratégica implica na construção de um mecanismo de diálogo exclusivo com o Brasil, reconhecendo o crescimento de sua importância regional e internacional e o papel proativo da política externa brasileira nos últimos anos. A amplitude da Parceria Estratégica estabelecida é significativa, incluindo temas como multilateralismo, mudanças climáticas, energia sustentável, integração regional e combate à pobreza no relacionamento bilateral Brasil-UE. No entanto, o elemento mais relevante da Parceria Estratégica reside na institucionalização de mecanismos de cúpulas diplomáticas de alto nível periodicamente regulares, garantindo a estabilização e a estruturação das relações bilaterais (Lazarou, 2011). Juntamente com o estabelecimento de novos instrumentos de política externa europeia a partir do Tratado de Lisboa, particularmente o Serviço para a Ação Externa, novo corpo diplomático da UE, cria-se uma base mais concreta para construção e fortalecimento de laços bilaterais.

3. DESAFIOS PARA EVOLUÇÃO DA PARCERIA ESTRATÉGICA COM A EUROPA ALARGADA

Um dos grandes desafios para a expansão da Parceria Estratégica é o aprofundamento dos vínculos entre Brasil e os países do alargamento para leste, haja vista o mútuo desconhecimento entre essas regiões e o relacionamento limitado e incipiente entre eles, mesmo que imiscuído de um histórico amigável e isento de conflitos (Lazaroub, 2013). O significativo vínculo econômico e político do Brasil com a Europa Ocidental tende a marginalizar o contato desse país com o leste do continente. O desconhecimento relativo e a competição na agroexportação entre Brasil e Leste Europeu, no entanto, convivem com um grande potencial de parcerias, complementariedade e oportunidades nas áreas política, econômica e tecnológica.

Brudzinska e Znojek (2012) destacam o contraste dos desafios e das oportunidades para as duas regiões. Para além do cenário de competição, existe o potencial de complementariedade na produção agrícola entre o Brasil e países do Leste Europeu, como a Polônia. As duas regiões também apresentam extensas oportunidades para negócios e investimentos conjuntos em áreas de convergência ou complementariedade econômica. Fora do campo econômico e comercial, é possível também identificar interesses e laços convergentes entre eles. Parcerias no âmbito da indústria de defesa e colaboração em temas de Ciência e Tecnologia são espaços que transcendem o mundo dos negócios e que podem se tornar nichos para a expansão da agenda entre esses atores.

Tanto a América Latina como o Leste Europeu hoje são regiões com potenciais econômicos emergentes, contrastando-se com as dificuldades econômicas enfrentadas pela América do Norte e pela Europa Ocidental e Mediterrânea. As duas regiões passaram, nas últimas décadas, por uma ampla transição democrática, deixando o passado autoritário para trás. Ambas contaram com a integração regional no auxílio para redemocratização. No caso do leste da Europa, a União Europeia, por meio das políticas de alargamento, incentivou e facilitou a transição dessa região para a economia de mercado e o Estado de Direito, adequando seu ordenamento jurídico de descendência soviética ao acervo comunitário europeu. Na América Latina, os processos de integração como o Mercosul fortaleceram o cenário de cooperação entre os países vizinhos e a defesa da estabilidade democrática regional. Ademais, existem laços sociais e demográficos os quais conectam as duas

regiões, tendo em vista a histórica e intensa imigração de povos da Europa do Leste, principalmente da Polônia e Hungria, para a América Latina (Bruzinska, 2014).

Nas últimas décadas o relacionamento diplomático entre o Brasil e esses países tem se consolidado e se estruturado. Dentre os países do alargamento europeu, somente três deles ainda não instalaram suas embaixadas em Brasília (Malta, Letônia e Lituânia)³. Todavia, a partir do ingresso na UE, esses países passam também a serem diplomaticamente representados pela Delegação da União Europeia no Brasil, facilitando a aproximação do Brasil com essa região.

Na dimensão da diplomacia interparlamentar, é válido mencionar a atual participação de dez deputados dos últimos países a ingressarem na UE, como Eslováquia, Letônia, Bulgária, Polônia, República Tcheca e Eslovênia tanto nas delegações do Parlamento Europeu para os países do Mercosul quanto na recém-criada delegação do PE para o Brasil, como membros titulares ou suplentes.

Em temas de educação, ciência e tecnologia, Brasil e os países da Europa central e oriental podem se aproximar a partir dos instrumentos de cooperação institucionalizados entre UE e Brasil nessa área. Destacam-se, nesse âmbito, o programa de intercâmbio Erasmus Mundus, que permite o ingresso de estudantes e pesquisadores de países terceiros em programas acadêmicos dos países da UE e o recente Instituto de Estudos Brasil-Europa, criado no intuito de facilitar a colaboração entre instituições de pesquisas do Brasil e Europa e de fomentar os estudos sobre integração europeia no país.

A recente nomeação do antigo primeiro-ministro polonês Donald Tusk como Presidente do Conselho Europeu, órgão político de mais alto nível da UE, também é indicativo da aproximação do Brasil com os países dos últimos alargamentos europeus. Tusk será o representante europeu responsável pela interlocução direta com a Presidente Dilma Rousseff nos encontros anuais organizados no contexto da Parceria Estratégica Brasil-UE.

Distintamente das expectativas pré-alargamento, o relacionamento entre Brasil e Europa avançou substantivamente nesses 10 anos de expansão da União Europeia para o leste, mesmo em momentos de crise econômica na Eu-

3 Levantamento realizado no sítio eletrônico do Ministério das Relações Exteriores do Brasil. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/cerimonial/corpo-diplomatico/lista>. Acesso em 04/11/2014.

ropa. Manteve-se o apoio material e valorativo à integração do Mercosul e da América do Sul ao mesmo tempo em que se aprofundou o diálogo Brasil-UE a partir da institucionalização da Parceria Estratégica. No âmbito das negociações comerciais os desafios permanecem, ainda que as tratativas tenham sido retomadas em 2010, sob um contexto de baixas expectativas, decorrente dos impasses na Rodada Doha da Organização Mundial do Comércio e da conjuntura de crise europeia.

Enquanto pensava-se que o alargamento para o leste tornar-se-ia um grande empecilho no relacionamento Brasil-UE, o contexto de crise da Europa e de emergência do Brasil como relevante ator global elevou, na realidade, a relação entre ambos a um patamar de diálogo político superior, concretizado na Parceria Estratégica. Embora sejam identificadas posições discordantes entre Brasil e UE, especialmente em grandes temas da agenda global, estes são encapsulados por meio da Parceria Estratégica, a qual abre espaço para a inserção de novos temas na agenda bilateral com alto grau de convergência. Finalmente, o compartilhamento de grandes princípios das relações internacionais pelo Brasil e a Europa alargada, tais como multilateralismo, democracia, direitos humanos, integração regional, proteção do meio ambiente, incentivam uma maior proximidade desses atores.

4. FORMATO DA PUBLICAÇÃO

As relações Brasil-Europa tomaram contornos importantes e dinâmicos a partir do alargamento europeu para o leste. Os dez anos desse processo de alargamento marcam um significativo período de reflexão a respeito dos desafios contemporâneos da Europa alargada e de sua relação com atores extrarregionais como o Brasil e América Latina. A presente publicação é resultado das discussões derivadas da *3rd Europe Day Conference* (Rio de Janeiro, maio de 2014), fruto da parceria entre a Fundação Konrad Adenauer (KAS) e o Centro de Relações Internacionais da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), com apoio da Delegação da União Europeia no Brasil. Os participantes da conferência internacional, juntamente com outros colaboradores convidados, os quais têm se debruçado sobre as questões europeias atuais, contribuíram na consecução dessa publicação ao apresentarem olhares profundos e multifacetados acerca dos eventos e processos que envolvem a União Europeia na atualidade, bem como seu relacionamento com o Brasil.

O atual estado da União Europeia, os desafios enfrentados e os rumos da integração são discutidos por autores da Europa e do Brasil. Mario Telò, professor da Universidade Livre de Bruxelas (ULB) e da LUISS Guido Carli, apresenta uma reflexão a respeito da saída da crise do euro e de suas potencialidades para maior democratização da construção europeia. Kai Lehmann, da Universidade de São Paulo (USP), e Vivien Schmidt, professora da Universidade de Boston, argumentam que a crise europeia transcende os desafios econômicos e financeiros inicialmente identificados, questionando os preceitos democráticos e representativos do velho continente. Schmidt ressalta a necessidade de alterações institucionais para garantia de mecanismos de legitimidade na UE. Já Lehmann afirma que os líderes europeus devem se fazer novos questionamentos e definir novos objetivos e abordagens para lidar com a crise na estrutura política da Europa.

O aniversário de 10 anos do alargamento europeu e da intensificação das relações com os países do leste é também recordado pelos autores. Ana Paula Zacarias, Embaixadora da União Europeia no Brasil, e Estevão Martins, professor da Universidade de Brasília (UnB), destacam o significado histórico do alargamento para o leste dentro do projeto europeu, não isento de dificuldades e desafios. A interação da UE com os esquemas de segurança e defesa regionais, com ênfase à sua participação na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e sua relação com os países do leste europeu são analisadas por Jolyon Howorth, da Universidade de Yale. Paula Sandrin, professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), e Taras Kuzio, da Universidade de Alberta, retratam a relação da Europa com dois países que têm apresentado um histórico de aproximação com a UE: Turquia e Ucrânia, e as conturbadas relações contemporâneas deste último com a Rússia.

As complexas e diversificadas relações da Europa e dos países do leste com o Brasil e América Latina são destacadas por Richard Whitman (Universidade de Kent) e Annemarie Rodt (Universidade de Roskilde), Rui Cunha (gerente executivo da APEX Brasil em Bruxelas), Miriam Saraiva (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e Kinga Brudzińska (Instituto Polonês de Assuntos Internacionais). Enquanto Whitman e Rodt discutem em que medida a Parceria Estratégia Brasil-União Europeia ainda se vê estruturada através de atividades e temas de curto prazo, ao invés de objetivos e propósitos de longo prazo e estratégicos, Cunha apresenta os padrões de comércio e investimento entre Brasil e UE frente a essas transformações no relacionamento político bilateral.

No plano global, Saraiva aborda o grau de convergências e divergências entre Brasil e União Europeia em temas da agenda multilateral. Brudzińska, por outro lado, faz um estudo de caso acerca das relações políticas e econômicas do Brasil com um dos países do alargamento europeu de 2004, a Polônia.

O conteúdo da presente publicação não encerra o debate sobre o impacto do alargamento europeu nas relações Brasil-Europa, mas se apresenta como mais uma iniciativa e esforço da Fundação Konrad Adenauer e da Fundação Getúlio Vargas em divulgar e promover estudos de temas europeus no Brasil.

ELENA LAZAROU · Professora Adjunta do Centro de Relações Internacionais da Fundação Getúlio Vargas, CPDOC/FGV.

BRUNO THEODORO LUCIANO · Konrad Adenauer Fellow em Estudos Europeus no Centro de Relações Internacionais, CPDOC/FGV.

FELIX DANE · Representante da Fundação Konrad Adenauer no Brasil.

REFERÊNCIAS

- BONIOLO, Eduardo. Relações entre Mercosul e União Européia e as Consequências para o Brasil – uma Resenha. *Revista geo-paisagem*, Ano 3, n. 5, Janeiro/Junho de 2004.
- BRUDZIŃSKA, Kinga. V4–Latin America and the Caribbean States: New Partners? *PISM*, Strategic File, N. 16 (52), August, 2014.
- BRUDZIŃSKA, Kinga; ZNOJEK, Bartłomiej. Poland and Brazil: Narrowing the Distance, Exploring Mutual Potential. *PISM*, Policy Paper N. 46, November, 2012.
- CASTILHO, Marta. EU-Mercosur FTA: an evaluation of the vulnerability of Mercosur Imports. *Chair Mercosur de Science Po*, Discussions Paper, ano 1, N.4, 2003.
- DOCTOR, Mahrukh. Why Bother With Inter-Regionalism? Negotiations for a European Union-Mercosur Agreement. *JCMS*, Vol. 45. N. 2., 2007.
- EUROPEAN PARLIAMENT. Enlargement and external economic relations. Briefing N. 37, 1999. Disponível em: http://www.europarl.europa.eu/enlargement/briefings/37a2_en.htm#3. Acesso: 24/09/2014.
- FLORES, Renato. Trade and co-operation in the EU-MERCOSUL free trade agreement. *Ensaaios Econômicos* (EPGE-FGV), N. 509, 2003.
- FRERES, Christian. The European Union as a Global “Civilian Power?: Development Cooperation in EU-Latin American Relations. *Journal of Interamerican Studies and World Affairs*, 42, p. 2, 2000.
- GRATIUS, Susanne. Europe and Latin America: in need of a new paradigm. *FRIDE Working Paper*, N. 116, 2013.
- LAZAROU, Elena. Brazil and the European Union: Strategic Partners in a Changing World? *Hellenic Foundation for European and Foreign Policy* (ELIAMEP), Working Paper No 24, 2011.
- _____. A model in trouble? The effects of the Euro-crisis on the EU as a model for regional integration in South America. *Konrad Adenauer Stiftung*, 2013.
- _____. The EU and Emerging Brazil: a Challenge and an Opportunity for the Greek Presidency? In GIANNIOU, Maria. *Greek Foreign Policy: Global Trends and Challenges*. Hellenic Centre for European Studies, 2013.
- _____; EDLER, Daniel. EU-Brazil Relations in a Time of Crisis: An Assessment of the Fifth EU-Brazil Summit. *Political Perspectives*, Vol. 6 (2), 2012.
- LESSA, Antônio Carlos. A diplomacia universalista do Brasil: a construção do sistema contemporâneo de relações bilaterais. *Rev. Bras. Pol. Int.*, 41, 1998.
- _____. Brazil’s strategic partnerships: an assessment of the Lula era (2003-2010). *Rev. Bras. Polít. Int.* 53 (special edition), 2010.
- MARTINS, Estevão. O alargamento da União Européia e a América Latina. *Rev. Bras. Polít. Int.*, 47 (2), 2004.
- NOGUÊS, Julio. MERCOSUR’s labyrinth and world regionalism. *Cuadernos de Economía*, ano 40, N.121, 2003.

OLIVEIRA, Samuel. *A Expansão da União Europeia de 2004 e seus impactos no agronegócio brasileiro*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo: Piracicaba, 2005.

SALAS, Marcos. Depois da África, China avança sobre América Latina. *BBC Mundo*, 27 de julho 2014.

SARAIVA, Miriam. A União Européia como ator internacional e os países do Mercosul. *Rev. Bras. Polít. Int.* 46 (1), 2004.

SAVINI, Marcos. As negociações comerciais entre Mercosul e União Européia. *Rev. Bras. Polít. Int.* 44 (2), 2001.

VAN LOON, Aukje. *The EU-Brazil Strategic Partnership: From Interregional Favouritism to Bilateral Bias...and Back?* Paper prepared for the 2nd 'Bamberger Sommerworkshop zur vergleichenden Regionalismusforschung, 2010.